**Um fantasma ronda o Brasil e o mundo: o fantasma das Redes Sociais**

**Autores:**

* Nilton Bahlis dos Santos, [niltonbdossantos@gmail.com](mailto:niltonbdossantos@gmail.com). Pesquisador e Coordenador do Next e Professor do PPGICS
* Alessandra dos Santos - Pesquisadora do Next e Editora Executiva do Portal Proqualis - ICICT/Fiocruz - alesantos02@gmail.com
* Mercia Maria Santos, [merciafiocruz@gmail.com](mailto:merciafiocruz@gmail.com). Pesquisadora do Next e membro do Laboratório de Educação Profissional em Vigilância em Saúde.EPSJV/Fiocruz.Rio de Janeiro, Brasil
* Nathielly de Souza Campos, [nathielly@gmail.com](mailto:nathielly@gmail.com); pesquisadora do Next e Docente no Centro Universitário Augusto Motta, Rio de Janeiro, Brasil

**Palavras-chave**: sistemas complexos, redes sociais, ciberativismo, ciberdemocracia; manifestações populares no Brasil.

**Introdução**

Quando nos apresentamos no Seminário do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL), em dezembro de 2012, procuramos mostrar que as modificações na maneira de processar informações e interagir em sociedades complexas, características da Cibersociedade e viabilizadas pela Internet, tendiam a colocar em cheque as organizações sociais e políticas existentes hoje em dia. Dizíamos que as estruturas centralizadas (e as descentralizadas através de mediadores, como é o caso da Democracia Representativa), não tinham capacidade de absorver as energias sociais geradas pela interação intensa dessas sociedades. Falamos dos processos de emergência, próprios dos sistemas complexos, que se organizam e se estruturam de maneira distribuída, e se “regulam” de baixo para cima. Na época víamos e citávamos, como indícios deste processo, os movimentos que ocorreram na Europa, na primavera árabe e em Nova Iorque.

Recentemente nos foi solicitado, para compor este E-book, um texto representativo da palestra. A demanda chegou em meio a discussão em nosso Grupo de Pesquisa sobre as manifestações que ocorriam no Brasil, que, de certa forma materializavam aquela palestra, e vimos uma oportunidade de enriquecê-la. Pedimos autorização, e recebemos uma resposta positiva dos responsáveis desta edição.

Procuramos assim, neste artigo, inicialmente apresentar os pressupostos que levavam a percepção de uma possível crise política que enfrentaríamos, e da irrupção de manifestações que questionavam o modelo de Democracia Representativa. Após esta sistematização, apontamos novas questões que a nosso ver apareceram nas manifestações no Brasil, e os indícios das possíveis saídas para esta crise.

**Sistemas simples e Complexos**

Em nossas pesquisas anteriores, estudamos como as formas de organização e ação social que conhecemos podiam ser consideradas elementos de uma cultura particular, que chamamos de “Ordem do Livro”, estreitamente relacionada à construção da escrita e da Imprensa. Observamos que nesta cultura, o tipo de processamento que se estabelece a partir da escrita e da análise (divisão em partes e sua recomposição no todo como soma das partes), como fonte originária da ciência, caracteriza um sistema particular de informações, que, por ser finito, pode ter uma organização e estrutura estável, através de uma rede que se estende no espaço e se desdobra em um tempo absoluto. A “Ordem do Livro” se estrutura em uma ordem linear e contínua, e se organiza e se estabelece como uma rede centralizada e hierárquica (SANTOS, 2005). Estendemos posteriormente esta mesma observação para o terreno político:

*“mostrando que a democracia representativa é a expressão política desta cultura e que ela esta condicionada pelas características particulares deste tipo de sistema. Em outras palavras, o modelo político representativo tem os mesmos condicionantes e constrições dos sistemas simples, com sua estrutura e práticas hierárquicas e deterministas”* (SANTOS, 2008).

Ressaltávamos que esta estrutura hierárquica e causal só se torna possível, só encontra uma relativa estabilidade e suas relações de forças apresentam características de continuidade, quando os processos comunicativos e agenciais se desenvolvem através destas estruturas hierárquicas (e são “contidos” dentro dela). Mas a complexidade crescente das sociedades, dificulta a estruturação hierárquica e a organização de uma rede centralizada permanente das organizações e movimentos, devido à rapidez com que se modifica o contexto político e as relações de forças.

Conforme se estabelece uma hegemonia no cenário político, e ela coloca em prática seu projeto, o quadro de conjunto se modifica, e as dubiedades, abstratas ao nível dos programas, quando colocadas em prática provocam desdobramentos e consequências que levam a realinhamentos.

*“Qualquer observador atento ao quadro político pode verificar a rapidez com que as unanimidades eleitorais ou de outros tipos desmoronam após obterem sucesso. Este desmoronamento é tanto mais avassalador quanto mais centralizado era o sistema anterior e quanto mais completo foi seu sucesso. Em um sistema complexo, a diversidade de interesses e dinâmicas dos diversos setores, desborda qualquer possibilidade deles serem estruturados e contidos em estruturas centralizadas. Este elemento parece estar na raiz da crise política e social das organizações partidárias e organismos do Estado que conhecemos, bem como de sua dificuldade em se estabilizar por períodos prolongados.Vivemos uma situação onde a maneira com que se organizam as redes da sociedade, os Dispositivos de Interação Virtual (DIV)[[1]](#footnote-1) até aqui utilizados, estruturados de maneira centralizada, não são mais capazes de organizar e estabilizar essas redes. A complexidade que adquiriu a sociedade, a multiplicação de interesses e pontos de vista, a multiplicidade de práticas e a extensão da ciência a todo tipo de assuntos, as multidões, todos estes fatores tornam inviável a centralização”* (SANTOS, 2008).

Com a frase *“Um Expectro ronda a Europa. O Expectro do Comunismo*”, cento e sessenta e cinco anos atrás, Marx abria o Manifesto Comunista (MARX & ENGELS, 1848). A Europa da época descrita por Marx, vivia o parto de uma nova era: novas maneiras de produzir (a fábrica), novas maneiras de informar e comunicar (a Imprensa), novas maneiras de conhecer (uma nova ciência baseada na análise). Neste cenário aparecem e se manifestam duas novas classes: a burguesia e o proletariado. Este último, disputa a hegemonia das revoluções que estão em curso e se impõe como alternativa na Comuna de Paris em 1971, mas é derrotado. Para garantir o comunismo, as condições ainda não estavam dadas. Era preciso, conforme Marx defende no Manifesto, que a fábrica se afirmasse, que o proletariado se tornasse maioria na sociedade, e que as relações capitalistas concentrassem as riquezas e se tornassem hegemônicas, criando condições para satisfazer as necessidades da sociedade, e continuar sobrando o suficiente para manter o desenvolvimento das forças produtivas. Um esforço deste porte, no entanto, exigia que a sociedade se organizasse em rede e em escala Internacional. Mas do ponto de vista dos processos de informação, comunicação e produção de conhecimentos da época, a capacidade de processamento da informação ainda era muito limitada. O processamento da informação e comunicação era moroso, pois o seu motor era a imprensa (a produção de livros e jornais exigindo um grande tempo de preparação e custos elevados), o que tornava seus recursos escassos e inacessíveis para a maioria da população. Mas nestas condições, a rede tinha dificuldades de se descentralizar e ela só conseguia fazer isto através de mediadores e intermediários, o que, de uma certa forma, reproduzia o modelo de organização da fábrica, com sua cadeia de causas e efeitos...

A dimensão política deste modelo era a democracia representativa. Com a ampliação numérica e a dispersão espacial, se inviabilizava a Ágora Grega, que tinha como pressuposto colocar todos na mesma praça (física). A escassa capacidade de processamento, inviabilizava o acompanhamento em tempo real: os representantes eram eleitos a cada 4, 5, 6, ou 7 anos, tempo durante o qual “interpretariam” a vontade de seus eleitores. No melhor dos casos, em sua eleição, eles apresentavam “Programas” que pautariam suas ações futuras. Conforme a sociedade ia ganhando dinâmica e complexidade, começavam a surgir os problemas:

*“É de conhecimento público que a contradição entre o programa dos eleitos e suas ações posteriores é freqüente. Se essa contradição antes não se mostrava explicita, isto ocorria pela generalidade dos programas, da pouca transparência da ação governamental, pois apenas eram visíveis as suas ações mais importantes, e, principalmente, porque entre a formulação dos programas e seus desdobramentos decorriam grandes períodos de tempo. Se antes eram raros os momentos que se abriam para intervenção política do cidadão, em processos eleitorais ou em situações revolucionárias, com o aumento da complexidade (determinado pela multiplicação de práticas e do grau de informação e consciência dos processos em curso) o terreno da disputa se desloca para a ação cotidiana, onde se materializam as políticas. É nesse terreno que ocorrem processos de sincronização que muitas vezes passam desapercebidos a nossos olhos. É essa a razão pela qual, de algum tempo para cá, vivemos situações de abruptos desequilíbrios políticos, que não podem ser diretamente relacionados à estruturação de hegemonias políticas construídas em longos períodos de acumulação de forças”* (SANTOS, 2008).

O assalto ao poder por um Partido ou grupo já não é o desenlace. O poder, subitamente, simplesmente desmorona, como na decomposição do bloco socialista ou na queda do muro de Berlim. Isto antes mesmo da Internet entrar no cenário.

**Sistemas Dinâmicos e Complexidade**

A modificação constante das relações nos sistemas complexos leva a que processos aparentemente secundários se estabeleçam e criem correlações de forças localizadas difíceis de serem previstas, e se tornem capazes de desequilibrar o conjunto do sistema. Nestas condições a estrutura centralizada é incapaz de absorver e conviver com as dinâmicas dilacerantes dos processos econômicos, políticos e sociais, e encontrar um novo equilíbrio, entrando em contradição com estruturas que se propõem permanentes e que estabelecem papéis e pesos determinados para os diferentes agentes. Em sistemas dinâmicos e complexos, os pesos e papéis dos diferentes atores encontram-se em constante modificação.

O que em um momento é força, no momento seguinte é fragilidade. As cartas do jogo são constantemente embaralhadas. Em diversas situações revolucionárias, ou simplesmente de alternância de poder, vemos algo que se repete. Se um partido emergente, com sua estrutura centralizada e hierárquica, é capaz de acaudilhar as massas e viabilizar sua vitória, ao fazê-lo, no mesmo ato, modifica o conjunto da correlação de forças e a rede social estabelecida. E a centralização que permitiu a vitória torna o partido incapaz de se adaptar à nova situação onde “mil novas flores florescem”; quando se manifestam interesses específicos e contraditórios dos diferentes personagens e grupos da sociedade.

Este processo, que antes levava anos para se desenvolver, pode se dar hoje em períodos muito curtos, até mesmo em horas. Além disso, as contradições geradas pelo crescimento da complexidade, se manifestam nas próprias estruturas políticas, quando elas crescem e exigem mais estruturas intermediárias, aumentando a distância entre o topo e a base da pirâmide. Isto provoca o crescimento desproporcional em número e peso dos elementos intermediários, sugando e consumindo os recursos e energias do sistema, até que a própria estrutura desmorona sob seu próprio peso. A corrupção, o nepotismo e o uso do poder para fins privados, assim como o aumento do custo da máquina administrativa, são algumas das consequências da hipertrofia dos níveis da estrutura. O *“desperdício e a corrupção são o ‘custo’ dos intermediários, devido ao tamanho e à hipercentralização do sistema, condição da qual, aparentemente, não se consegue fugir”* (SANTOS, 2008).

**A Crise da Democracia Representativa**

A dinâmica que descrevemos coloca uma questão. Na democracia representativa, a população elege seus representantes e quem organiza de fato a vida e a sociedade são estes representantes e não os cidadãos. Essa é a forma de organização que temos na política, na produção, na área econômica, nas escolas e em todos os setores. Essa estrutura em arvore não é mais capaz de responder às necessidades da sociedade dinâmica e complexa que vivemos hoje, e começam a se mostrar inviáveis. Elas começam a ser desbordadas por uma onda revolucionária de manifestações e protestos. As “Primaveras” que aconteceram na Europa, nos países árabes e agora no Brasil, são uma tentativa das pessoas de criar uma nova ordem baseada na coesão social, a partir de uma ação direta, sem intermediários, como o resultado de uma interação concreta dos indivíduos e não a partir de alguém que é eleito para governar em seu nome. Essa é a realidade que vivemos hoje, não apenas na política, na economia, na universidade, na produção do conhecimento, aonde também se começa a viver uma situação onde não se justifica mais a propriedade individual do conhecimento, onde fica cada vez mais claro que ele não é e nem nunca foi o resultado da produção de um indivíduo específico.

A discussão sobre a necessidade de uma Reforma Política está em curso. Ela surge da constatação de que os partidos e os instrumentos de centralização do sistema político, tais como são concebidos, entraram em contradição com as dinâmicas que surgem nas sociedades e por isso tendem a perder força:

*“As formas tradicionais de democracia baseadas na representação e intermediações, por períodos duradouros, tendem a se mostrar incapazes de absorver e canalizar estas dinâmicas em constante mutação, em particular quando a informação é abundante. A perda de importância das organizações políticas centrais, que já vem ocorrendo, não significa, ao contrário do que pensam alguns, uma despolitização da sociedade. A prática política em um sistema complexo busca outros canais e se cola mais à dinâmica cotidiana. Ela se desloca para o terreno onde a política se materializa, isto é, no nível local, entendido como prática específica e não como algo espacial. Neste “locus” é que os conflitos e interesses concretos tendem a se desenvolver e ser negociados. Isto aumenta a importância das organizações da sociedade civil, que se transformam em espaço de ação política em torno de práticas específicas, viabilizando uma diversidade de tipos de ação, assim como de organizações que dão expressão à complexidade da vida social, permitindo que ela se manifeste em sua diversidade”* (SANTOS, 2008).

As tecnologias interativas aprofundam este processo, ao mesmo tempo em que oferecem a possibilidade de viabilização de novos tipos de redes e Dispositivos de Interação Virtuais. À diferença dos anteriores, estruturados a partir da Imprensa, eles permitem sistemas e redes distribuídas e interativas

*...“onde o centro se desloca, a cada momento, de um para outro ponto dependendo dos processos e relações entre os diferentes agentes, que se desenvolvem e se modificam constantemente. Estes sistemas podem incorporar diferentes espaços e tempos e diferentes culturas. Ao contrário dos sistemas simples, os sistemas complexos não podem ser descritos por uma racionalidade externa e superior a eles próprios” (*SANTOS, 2008).

A regulação agora se dá por dentro do sistema através de uma multiplicidade de ações particulares em um processo de sincronização e emergência[[2]](#footnote-2); com interações diferentes, baseadas na colaboração, ao contrário do que ocorre nos sistemas simples, onde a emulação se verifica pela competição e concorrência:

“*nos sistemas complexos ela* (a regulação) *é estimulada pela cooperação. As dinâmicas e características que assume, ao contrário do que ocorre nos sistemas simples onde parecem corresponder a uma cadeia de relações de causa e efeito, são aqui fruto de processos emergentes, cuja determinação se encontra em outro nível” .* (Nestes sistemas) *iniciativas centralizadas se dissipam, submetidas a uma multiplicidade de ações originadas nos processos de sincronização entre os seus infinitos agentes” .*(Eles) *“resolvem problemas com o auxílio de massas de elementos simplórios, em vez de contar com uma única ‘divisão executiva inteligente’. São sistemas bottom-up (de baixo para cima), e não, top-down (de cima para baixo). Pegam seu conhecimento a partir de baixo[[3]](#footnote-3). Estes processos emergentes criados por sociedades cada vez mais complexas, com suas características de auto-organização, entram em contradição com a dinâmica centralizada e hierarquizada das estruturas políticas da democracia representativa, originando graves crises, com confrontos e alternância entre processos de cima para baixo e processos emergentes”* (SANTOS, 2008).

Estas contradições e conflitos são resultados do confronto de duas culturas, duas formas de regulação e dois tipos de “estruturas” de organização destas sociedades. As questões que se colocavam em nossa pesquisa eram: estes processos emergentes poderiam se impor como hegemônicos? As novas tecnologias interativas permitiriam viabilizar a criação de dispositivos e formas de agenciamento que servissem para que se desenvolvessem novas formas de organização que sejam capazes de incorporar e conviver com a mais ampla diversidade? Serão capazes de viabilizar a convergência de diferentes dinâmicas específicas e até contraditórias, oferecendo suporte e instrumentos efetivos para novas formas de socialização, não mais com uma organização social hierárquica e centralizada, mas em uma organização em rede formada por uma multiplicidade de organizações civis e comunidades virtuais?

As manifestações que explodiram no Brasil, recentemente, nos ofereceram alguns indícios desta possibilidade e apontaram algumas questões concretas que precisam ser resolvidas. Mas antes de discutí-las vamos estudar o que são os sistemas distribuídos e um novo tipo de Rede que se desenvolve nas sociedades complexas.

**Redes e Sistemas Distribuídos**

Apresentamos na Figura 1, um diagrama que mostra três possibilidades de organização em rede. Observe que os “nós” são os mesmos em todos eles.

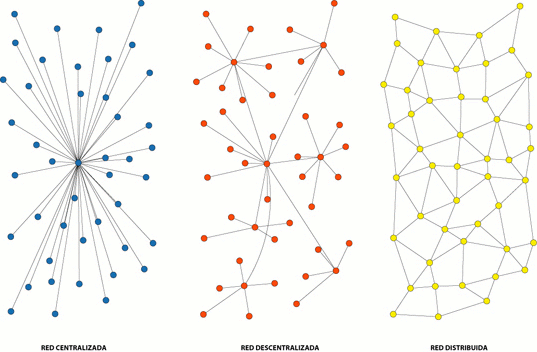


Figura 1 - Tipologias de Rede

Esta tipologia foi criada pelo engenheiro polonês, radicado nos EUA, Paul Baran (BARAN, 1964), nos anos 60, quando se discutia o tipo de redes que poderia ser usado na construção da Internet. A proposta de Baran era construir uma rede de comunicações distribuída, menos vulnerável a ataques ou a quedas do que redes convencionais. Procurava responder a uma situação de guerra fria onde a preocupação era que as informações continuassem trafegando normalmente em caso de um ataque nuclear. Sua ideia foi a de "quebrar" os dados, enviados pela rede, em pequenos pacotes, o que chamou de "blocos de mensagem" (*message blocks*). Dessa forma, as informações seriam enviadas em pequenos pedaços e reconstruídas ao chegar no seu destino, como funciona até hoje na Internet. Ele apresenta três possibilidades de rede:

* Rede Centralizada: esse sistema não suporta o dinamismo e a diversidade que ganha a rede a partir de uma determinada escala, visto que seus nós estão ligados (e “amarrados”) a um único ponto central.
* Rede Descentralizada: o sistema descentralizado conta com nós intermediários/mediadores, onde se tem o centro e os subcentros; temos um núcleo central e mediadores (os subcentros), os quais, por sua vez chegam a outros elementos do sistema. Este sistema vai se desenvolvendo através da incorporação de camadas de mediadores, que conforme vão se afastando do centro, começam a originar problemas. Tal sistema também se inviabiliza (ou perde eficácia) com um maior crescimento da rede.
* Rede Distribuída: em um sistema distribuído não existem nós intermediários e nele, por diferentes caminhos, todo elemento pode ter acesso a qualquer outro. Temos assim um sistema onde tudo se comunica com tudo. É um sistema onde há a possibilidade de comunicação generalizada, e onde os centros e subcentros perdem o papel de intermediação e em um dado momento deixam de existir. O sistema é completamente dinâmico e muda todo o tempo.

O sistema distribuído já existia em diferentes realidades (biológica, ambiental, tecnológica, por exemplo), mas ele aparece e ganha visibilidade com todos os seus contornos com a Internet. A Web gerou uma possibilidade de interação entre vários pontos simultaneamente. Pode-se dizer que a cultura da Internet (Ordem da Internet), é formada por redes distribuídas que nos oferecem conexão e interatividade de forma dinâmica. Diferentemente da “Ordem do Livro” citada anteriormente, estruturada em uma ordem linear, contínua e organizada de forma centralizada, hierárquica e fechada, a “Ordem da Internet”, utiliza elementos infinitos, criativos e descentralizados compondo um hipertexto. Ela articula uma rica rede de relações, capaz de mobilizar e suscitar as mais diversas interações, criando uma outra cultura que se define por uma série de características novas.

Algumas dessas características da organização da cultura em sociedades complexas, são:

* A possibilidade de reaproximação entre teoria e prática: a produção de conhecimento deixa de ser coisa de “intelectuais”;
* O conhecimento se constrói através da ação (a ação não é posterior ao conhecimento);
* A produção coletiva de conhecimento;
* A redução do papel dos intermediários; todos falam e fazem;
* A possibilidade de sincronização e de outros processos de baixo para cima;
* A inviabilidade de estruturas hipercentralizadas;
* A regulação se desenvolve através de processos de sincronização das ações de uma multiplicidade de agentes, para se chegar ao equilíbrio[[4]](#footnote-4).

Esta nova cultura, podíamos prever, como desdobramento de nossa pesquisa, terminaria por questionar a estrutura política atual, entrando em contradição com a democracia representativa e abrindo o espaço para o surgimento de uma nova ordem política, que a nosso ver se estruturaria a partir de redes sociais e comunidades virtuais:

*“As novas tecnologias, podem estruturar um novo tipo de ação administrativa e política. Algumas experiências já mostraram seu potencial em iniciativas para dar uma maior transparência à ação política e administrativa do Estado, ao colocar certos serviços diretamente sob o olhar e ação do cidadão (prestação de contas sobre recursos, controle de suas informações, de sua situação e seus direitos nos diferentes setores, plebiscitos, etc.), ou da compra de produtos e serviços para o Estado através de pregões eletrônicos (que provocaram uma baixa de preços nas licitações). Mas, mais do que isso, elas viabilizam a constituição de comunidades virtuais, mecanismos interativos e redes que se expandem e se comprimem, se fundem e subdividem; suficientemente flexíveis para provocar sincronizações e absorver contradições entre os mais diferentes setores da população e constituir ações políticas muito superiores às forças que lhe deram origem, se transformando, por isso mesmo, em um imenso potencial regulador. Nesses marcos, torna-se necessário repensar, a partir de lógicas emergentes e redes sociais complexas e dinâmicas, não apenas as organizações políticas, mas também as políticas públicas” .*(SANTOS, 2008).

Já trabalhávamos essas questões em nossas pesquisas quando fomos surpreendidos pela volúpia da irrupção de manifestações em todo o Brasil. Parodiando Marx, podemos dizer que: “Um fantasma ronda o Brasil e o Mundo: o fantasma das Redes Sociais”, resumindo um amplo consenso no momento, de que as redes sociais foram decisivas para esta explosão.

As manifestações, que desde 2010 vem correndo no mundo e agora impetuosamente no Brasil, não apenas afirmam as expectativas de nossas pesquisas que apontavam para isso, mas, o que é mais importante, nos permitem avançar em uma resposta à pergunta que todos estávamos nos fazendo: “Qual a capacidade deste movimento se consolidar e criar algo de novo”? Pode um sistema distribuído ser a base de reestruturação da sociedade e oferecer um substituto ao sistema representativo?

Um olhar atento aos detalhes do movimento, talvez, nos permita avançar em algumas reflexões sobre esse assunto.

**“Nós somos as Redes Sociais”**

Uma grande faixa levada pelos manifestantes com o dito acima, teve a felicidade de dar uma dimensão presencial ao movimento que se desenvolvia nas Redes Sociais. Os protestos que ganharam força em junho e culminaram com milhares de pessoas saindo às ruas em São Paulo (maior centro econômico do país), foram iniciados pelo Movimento Passe Livre (MPL)[[5]](#footnote-5). Via redes sociais, os organizadores do Movimento paulista marcaram uma manifestação para 6 de junho, convocando toda a sociedade, principalmente pelo Facebook e Twitter. A manifestação foi motivada pelo aumento de “20 centavos” das tarifas do transporte público intermunicipais.

Este e outros movimentos sociais que se seguiram passaram a ser agendados pelo Facebook, com horário e local previamente marcados nos grandes centros das cidades. Como o aumento das tarifas era nacional o chamado terminou por provocar manifestações em todo o país. Milhares de pessoas e suas bandeiras foram às ruas em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Brasília (capital do país). Essa expressiva participação social também provocou manifestações de brasileiros em diversas partes do mundo como Austrália, EUA e França, começando a preocupar os governantes e políticos brasileiros.

Os jovens “organizadores” do Movimento, apesar de não terem a experiência política de lutas e reinvindicações nos moldes tradicionais, foram resolvendo e pensando os problemas conforme eles iam acontecendo. Em sua maioria eram jovens de classe média, muitos estavam nas ruas pela primeira vez, mas sentiram e aprenderam o que é a repressão e por isso estiveram, por exemplo, na manifestação em memória dos dez mortos durante uma ação do Batalhão de Operações Especiais (Bope) na Favela da Maré, zona norte do Rio de Janeiro[[6]](#footnote-6).

É importante entender que estes jovens aprenderam a colaborar na Internet, onde viram a força e a capacidade desta colaboração em resolver problemas. Aprenderam que não é possível ser poderoso na rede. São anônimos, tiram sua força das redes e das comunidades virtuais e sabem que esta rede não precisa de intermediários, pois conseguem resolver seus problemas através da sincronização de iniciativas individuais e de grupos usando os recursos que a própria rede coloca em suas mãos.

Para as gerações que lutaram contra a Ditadura, o sucesso de uma ação direta “espontânea” era inimáginável. Era uma “loucura” que já tinha sido resolvida no início do século com o projeto de construção de partidos centralizados onde dependia-se da organização de uma cadeia de comandos em uma estrutura hierárquica que disputaria o poder, ou através da violência ou pela via eleitoral, elegendo ou impondo direções que representariam e defenderiam os seus interesses. Mas os manifestantes de 2013, perceberam que este tipo de organização não levava a uma real solução dos seus problemas. Que desta forma tradicional não se consegue resolver os problemas de uma sociedade complexa, múltipla em sua diversidade. Que essas organizações e dirigentes mostram cotidianamente sua incompetência - impossibilitando seu futuro ao destruir a natureza e os recursos naturais - e se mantêm em uma cultura que alimenta e cria as condições da corrupção e da impunidade.

**Mais que vinte centavos**

A causa inicial, o aumento de “vinte centavos” nas passagens de transporte, antes mesmo da vitória com a sua revogação por parte dos prefeitos, já tinha sido superada e relativizada. Os cartazes/posts e gritos de protestos, nas redes sociais e em imagens de TV (muitas vezes reproduzindo vídeos dos manifestantes), mostravam que outras pautas se juntavam às reivindicações, exigindo mudanças muito mais profundas na governança brasileira. Conforme o movimento se ampliava e se tornava massivo, eram levantadas as mais diversas bandeiras, sem nenhuma hierarquia, cada setor, grupo e mesmo indivíduos, manifestando suas prioridades: saúde, educação, transporte, causas indígenas, reforma política, contra a corrupção, o desperdício e desvio de dinheiro público, ou simplesmente manifestando seu repúdio ao deputado federal e pastor Marcos Feliciano[[7]](#footnote-7) que declarara que homosexualismo era doença.

As manifestações, criavam um espaço híbrido entre as redes sociais e as ruas. Quem participava nas ruas, informava o que acontecia através de posts, fotos e vídeos gravados e enviados por celulares para redes sociais, e a rede para o mundo. Através das redes os manifestantes resolviam seus problemas: grupos e páginas no Facebook surgiam por iniciativas individuais e de grupos, com vocações distintas e se propondo a atividades específicas: um para orientar os manifestantes a se defender da repressão, outro, de advogados, para orientar o que fazer no caso de prisão, ou para discutir determinada reivindicação, para divulgar fotos e vídeos, etc. As interações, comunicação e discussões em rede ampliavam e generalizavam os movimentos nas ruas estimulando-os e servindo para seu amadurecimento. Vários ambientes foram criados nas redes e na Web para ampliar a discussão, as reivindicações, e o monitoramento das manifestações. A Tabela 1 apresenta alguns grupos envolvidos nas mobilizações.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Nome do Grupo** | **Papel** | **Link** |
| Verdade Nua e Crua | Perfil no Facebook que publica vídeos e imagens criticando aspectos culturais e socio-econômicos do Brasil. | <https://www.facebook.com/AVerdadeNuaECruaOficial> |
| Movimento Social Autônomo Passe Livre | Movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público gratuito. | <https://pt-br.facebook.com/passelivresp> |
| Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação (NINJA) | Coletivo que produz e compartilha material filmado sobre assuntos ora abafado, ora distorcido na mídia. | <https://www.facebook.com/midiaNINJA> |
| Anonymous | Comunidade online, descentralizada, atuando de forma anônima, de maneira coordenada, que discute assuntos relacionados aos direitos do povo perante seus governantes. | https://www.facebook.com/AnonymousFUEL |
| Causa Brasil | Site que apresenta em gráficos quais os assuntos que são motivo das manifestações a partir de posts nas principais redes sociais. | http://www.causabrasil.com.br/ |
| Vem pra rua | Tem o propósito estimular o povo a ir às ruas reivindicar seus direitos e opiniões compartilhando informações associadas aos movimentos iniciados em Junho de 2013. | http://vemprarua.org/ |
| Reforma Política | Plataforma de coleta de 1.500.000 assinaturas para submeter propostas de Reforma Política ao Congresso Nacional. | http://www.reformapolitica.org.br/ |

Tabela 1 - Grupos mobilizadores

**Bandeiras**

As primeiras manifestações não contaram com a presença de sindicatos, partidos políticos e movimentos sociais. Elas, no entanto, ganharam forte apoio popular depois da repressão violenta promovida por policiais militares contra os manifestantes - dentre eles jornalistas da mídia tradicional. A adesão massiva da população às manifestações foi instantânea e quando ocorreu trouxe no seu bojo uma multiplicidade de outras reivindicações e protestos.

Os manifestantes se diziam apartidários. Eles estavam nas ruas não para defender um partido mas por uma (ou melhor, várias) causa(s); diziam-se sem representantes oficiais, sem líderes.

*“O movimento se forma na recusa – confusa, flutuante, ambígua e até perigosa – do partido, da organização separada, da bandeira. Isso porque a recusa é geral, não faz distinções e funciona como rejeição de qualquer plataforma ideológica preparada e determinada por lógicas de aparelhos separados: nisso há uma percepção de que um dos problemas da política é a construção de aparelhos que tendem – antes de tudo – a reproduzir a si mesmos”* (COCCO, 2013).

Num primeiro momento esta recusa leva alguns manifestantes a hostilizar outros que levavam bandeiras de partidos. Mais adiante, no entanto, foi ganhando no movimento a posição de permitir a participação de militantes com suas bandeiras, desde que não tentassem se impor e impô-las ao movimento.

**Mídia tradicional e mídia alternativa**

Enquanto a mídia tradicional, a partir de tomadas feitas do alto dos prédios exibia imagens de vândalos destruindo bens públicos e em confronto com a polícia, jovens manifestantes munidos de celulares transmitiam, ao vivo, os protestos nas redes sociais que em sua grande maioria aconteceram de forma pacífica. Estas iniciativas, por exclusiva decisão individual, foram decisivas na mudança de foco de grandes emissoras de TV, em particular da Rede Globo[[8]](#footnote-8), a rede hegemônica do país. Tal emissora, logo nas primeiras manifestações, através de seu discurso e das imagens que exibia, taxava os manifestantes em geral de vândalos, o que provocou a ira e a reação dos mesmos que começaram a publicar fotos e vídeos procurando desmentí-la. Duas destas imagens, percorreram as redes sociais: a foto de um policial espirrando spray de pimenta na cara de uma adolescente; e um vídeo de outro policial quebrando o vidro de um carro que a Rede Globo havia mostrado como quebrado por vândalos. Foi nesse momento que começou a ganhar expressão, uma mídia alternativa que buscava expressar uma nova visão dos conflitos, dando voz aos próprios manifestantes. O Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), transmitindo imagens e voz diretamente dos manifestantes através da Internet. Hoje o "canal" é mantido e produzido por uma rede de voluntários em todo o país que usa celulares e câmaras pessoais. Foi nesse momento também, que a mídia tradicional percebeu que seu discurso teria de ser mais cuidadoso, já que não tinha mais o monopólio da imagem e que corria o risco de cair em descrédito.

A partir de então, também pela repressão que atingiu os seus jornalistas, a Rede Globo "aderiu" ao movimento, tentando pautá-lo e caracterizá-lo como um movimento de oposição ao Governo Federal. Para isso tentou aproveitar-se do descrédito que o povo já sentia com relação ao sistema político, aos partidos e aos representantes políticos.

A generalização do movimento de forma independente da mídia, das organizações políticas e sindicais, criou uma situação sui-generis: não havia mais como ser contra. E os manifestantes não mostravam disposição de sair das ruas. Na impossibilidade de confrontá-lo “as forças organizadas da nação”, os mediadores, passaram a tentar “responder” às manifestações mostrando disposição de reconhecê-las, “respeitá-las”, tomando algumas iniciativas formais pelo menos: acenando com a participação popular (plebiscito ou constituinte), reduzindo o quorum de cidadãos/assinantes necessários para apresentação de leis no Congresso Nacional e a possibilidade de recrutá-los pela Internet, reconhecendo a necessidade de uma reforma política, se mostrando dispostos a aumentar os recursos para responder as demandas sociais (saúde, educação, etc.).

*“As multidões nas ruas expõem a crise terminal de um modelo político que vem arrastando suas correntes como um fantasma há muito. O mais provável é que o Poder reaja como sempre: finja que irá mudar para que tudo continue como sempre. Independente disto, o Brasil já não é o mesmo. A experiência das mobilizações mostrou que o impossível em política é, na maioria das vezes, apenas aquilo que nunca foi tentado”* (ROLIM, 2013)*.*

A partir deste momento a “democracia representativa” sofrerá a pressão direta e constante de seus “representados”. Nas redes e nas ruas. E ninguém tenha a ilusão de que esta situação de manifestações generalizadas não se manterá e se repetirá, cada vez de forma mais frequente. O provável é que as estruturas políticas e sociais tenham de conviver com esta rede distribuída, sempre presente, como um poder emergente. E conforme ele amadureça, oferecendo novas formas de estruturação da sociedade.

**Análise dos “nós” dominantes nos protestos**

Apesar do Movimento Passe Livre SP ter iniciado as convocações para as manifestações no Facebook, a rede de ativismo hacker - “AnonymousBR”- foi um dos maiores focos de atividade na rede social nos dias-chave dos protestos de rua em junho. É o que diz um estudo feito pela empresa InterAgentes (AMADEU, 2013) que estuda principalmente os acontecimentos de São Paulo (SP), no Brasil. Segundo os dados da empresa, esse grupo dominou os “nós de relevância” no tráfego do Facebook nos dias 13, 17, 18 e 20 de junho, quando centenas de milhares de pessoas foram às ruas.

A pesquisa processou cerca de 50 expressões-chave, como "protesto" e gritos de guerra dos manifestantes, em mais de 500 mil comentários e mensagens postados na rede abertos ao público, usando o software de visualização de dados Gephi. O programa apontou os perfis que se tornaram "nós"[[9]](#footnote-9) que receberam maior atenção em comentários, compartilhamentos de informações sobre os protestos e convocações para as manifestações de rua. Foi estabelecido um ranking com os cinco maiores "nós" de cada dia. Dos 20 listados, 12 traziam a bandeira "Anonymous". O "Passe Livre São Paulo" (Movimento Passe Livre) apareceu apenas no dia 13, quando a polícia reagiu com violência à marcha em São Paulo. Depois, desapareceu dos cinco primeiros lugares de maior relevância.

Há uma explicação para tal avanço do Anonymous? Longe de ser uma grande ameaça à democracia, a página Anonymous segue um padrão de relação trazida, pelos adolescentes, desde o Orkut, com os jogos “pego ou não pego”, “comento ou não comento”. A seção “curta frases revolucionárias” é uma sacada fantástica da fan page para gerar burburinho e motivar as pessoas a curtirem, comentarem e compartilharem conteúdos. Essa estratégia é feita porque o Anonymous espalha conteúdos de outras páginas no Facebook, principalmente os advindos do “[Brasil sem Corrupção](https://www.facebook.com/BrContraCorrupcao?directed_target_id=0)”[[10]](#footnote-10) e “[Frases Revolucionárias](https://www.facebook.com/FRevolucionarias?directed_target_id=0)”[[11]](#footnote-11). E tudo isso vem de uma cultura juvenil forte, afastada das fan pages muito “institucionalizadas” da população adulta do Facebook. A força do remix é o elemento mais forte do AnonymousBR (MALINI, 2013).

A página do Passe Livre SP é de uma multiplicidade impactante. Só nos últimos 10 posts[[12]](#footnote-12) foram gerados seis grupos diferentes de curtidores. Isso mostra a diversidade de grupos e expectativas dentro da página. Há aqueles mais atentos às convocatórias, outros aos conteúdos de conquistas alcançadas pela mobilização, muitos a fim de curtir a galeria de fotos da população na rua, de critica a taxa de lucratividade obtida pelos empresários de transporte e aqueles em busca de informação sobre como ocorre o aumento da tarifa de transporte coletivo (MALINI, 2013). Atualmente, a página do AnonymousBR possui 1.110.047 seguidores enquanto que a do Passe Livre SP possui 289.381 seguidores.

[**Algumas Questões Novas colocadas pelo Movimento**](https://www.facebook.com/groups/redessociais2013/doc/530315873701890/) **para pensar seu futuro**

Como afirmamos mais acima, ainda que pudéssemos prever manifestações como estas a partir de uma avaliação de processos de transição em curso, a experiência aqui ocorrida nos serviu para vislumbrá-las com um pouco mais de concretude, observando como elas se processaram, os problemas vivenciados e a maneira que começaram a ser resolvidas.

Os mais “experientes politicamente” teimaram em apresentar soluções que repetem os discursos e as maneiras de fazer hegemônicos[[13]](#footnote-13). Mas os manifestantes “não se sentem representados pelos discursos hegemônicos. Eles olham para os partidos, para os governos, para o Judiciário, para a mídia, com a sensação de que todas estas instituições se movem em um mundo fantasioso e medíocre onde a manipulação é a regra, o descompromisso com o povo o conteúdo mais relevante e a hipocrisia um estilo inconteste” (ROLIM, 2013). Mas como fazer as coisas diferentes sem estas organizações? Pensemos um pouco sobre os problemas que se colocaram:

1) Uma das críticas feitas ao movimento é que ele não tinha uma plataforma. Mas será que um movimento “distribuído” deve ter uma única bandeira, precisa de uma plataforma comum, cujas prioridades e bandeiras todo o mundo concorda? ou ele sincroniza diferentes movimentos e bandeiras?

Quem já participou de movimentos políticos, processos eleitorais e organizações de classe, sabe a importância que nestes processos assume a unificação do movimento a partir de um conjunto de bandeiras claramente definido ou de uma plataforma. Esta tem sido a maneira de unificar o movimento e de definir suas “prioridades”. Claro que a definição de prioridades, neste caso, tende a ser disputada em um processo excludente, onde os setores que hegemonizam os movimentos tende a afirmar as suas prioridades.

Quando o movimento explodiu levantando múltiplas bandeiras, sem nenhuma hierarquia, cada setor com suas prioridades, isto causou uma certa estranheza. Na realidade o que aconteceu é que em lugar de uma narrativa única (um texto) o movimento gerou um Hipertexto (onde não há uma única narrativa, hierarquia e centralidade como no texto. Aqui cada bandeira ganha força e importância diferente, para os diferentes participantes, ao mesmo tempo em que cada uma ganha relevância para o conjunto do movimento em momentos diferentes. Observe o formato que assumiram as “bandeiras” nas manifestações: ganharam a forma de “posts”, em geral em cartazes de cartolina, como uma manifestação individual que ganha relevância quando é reconhecida (curtida) e se sincroniza com as outras manifestações.

2) A relevância de cada manifestação pode ser observada através de uma série de dispositivos que permitem ver, através de estatísticas do volume de hashtags, a importância que cada tópico adquiriu em determinado momento. Um exemplo é o site Causa Brasil. Os tópicos mais relevantes, assumem papéis diferentes de acordo com o número de interações e correlações que se estabelecem em um determinado momento, que podem variar de minuto a minuto. Aqui devemos fazer uma observação: uma das funções “delegadas” aos Partidos e às Instituições é ver e entender o movimento em seu conjunto, o que seria impossível para os indivíduos isoladamente. Do mesmo modo, não existem condições de “medir” a vontade dos movimentos em ação direta. É aqui que aparecem novas possibilidades oferecidas pelas tecnologias de informação e comunicação que permitem interpretar e analisar todos esses dados através de processos automáticos.

3) Isto nos leva a tentar entender como pode ser a "organização" desse movimento e como garantir a sua ação. A maneira tradicional que conhecemos é através de uma cadeia de mando, de um plano de ação e de uma força de ordem. Nas experiências atuais tivemos um caráter distribuído - grupos diferentes, percebendo uma necessidade do movimento, e por iniciativa própria, propondo ações, assumindo atividades e cumprindo funções diferentes, em tempos e espaços diferentes. Demonstrando uma nova forma de mobilização sem necessariamente contar com o apoio das “estruturas centralizas”, cuja “unificação” se dá através de um processo de sincronização das ações que se influenciam e se articulam no terreno. Terreno aliás que não é algo com fronteiras definidas. É um espaço híbrido entre as ruas e as redes. Grande parte das manifestações começaram a partir da organização de eventos no Facebook ou de chamamento em Blogs. Muitos eventos fracassam por não encontrar ressonância na população, mas outros ganham relevância ao se multiplicarem os que com eles se identificam.

4) Outra questão é a necessidade do movimento de “manter a ordem”? Como tratar os quebra-quebras e os “vândalos”? Normalmente os movimentos criam forças de ordem para reprimir provocadores e dissidentes. Nas manifestações recentes ficou patente que por mais que as provocações e os vandalismos sejam até certo ponto inevitáveis, eles tendem a ser localizados e limitados, se mantendo em suas fronteiras. Se o movimento é forte, eles isolam estas ações e levam a que percam sua relevância. Somos otimistas quanto à possibilidade do movimento de pensar novas formas de tratar o assunto.

5) A questão mais difícil de responder é como sincronizar a emergência com o Institucional? Como sincronizar a democracia direta e participativa com a democracia representativa? Ele deve negociar”? Como pode haver "negociação" se não há lideranças? O povo só pode protestar e pedir ou pode governar? Como articular a ação direta com a Democracia Representativa? No imediato isto tende a criar uma espécie de duplo poder onde a institucionalidade tradicional e os processos emergentes se manifestam em âmbitos e esferas diferentes. As instituições como estão organizadas hoje não respondem mais à dinâmica da sociedade - interativa, rápida, que não está subordinada às direções. A rede é o ambiente propício para a emergência de uma espécie de multiliderança: alguém ou um grupo lidera em uma circunstância particular, em algo que ela sabe fazer e em seguida outro e assim sucessivamente. Não é preciso um líder profissional ou eterno que queira liderar em todos os assuntos.

Hoje temos também um conjunto de experiências e práticas comerciais novas; formas de produzir, de financiar empreendimentos, produção peer to peer (P2P), pesquisa e distribuição compartilhadas (economia solidária), dinheiros alternativos, inclusive na esfera física. Não há confronto, mas perda de relevância das organizações centrais. O Movimento pode se defender quando promove o feedback negativo[[14]](#footnote-14) e a autoregulação: limpeza de patrimônios públicos alvo de ações vândalos; compra de novo carro para proprietário de um automóvel destruído nas manifestações (BIANCHI, 2013); dentre outros exemplos.

6) Surgimento de novas formas de debates públicos. O ressurgimento da Ágora grega? As ruas, as praças e as redes, são hoje um novo lugar de debates públicos, sem mediação, com participação de amplas parcelas da população.

7) A mídia alternativa e o cidadão multimídia tem um papel decisivo ao expor o que estava acontecendo nas ruas e na vida. E a mídia tradicional não pode mais negar essas narrativas independentes contadas na rede. Por causa dessas novas imagens, dessas novas fontes de informação, existe uma crise de credibilidade das mídias.

**Referências:**

AMADEU, Sérgio. Cartografia de espaços híbridos: as manifestações de junho de 2013. Interagentes. Disponível em: : <http://interagentes.net/2013/07/11/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013/>

BARAN, Paul (1964): On distributed communications. <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_memoranda/2006/RM3420.pdf>

BARRETO, Aldo. Os Agregados de informação: Memórias esquecimento e estoques de informação. In: Datagramazero - Revista de Ciência da Informação. RJ:IASI. v.01, n.03, 2000. p. 05  11.

<http://biblioteca.ibict.br/phl8/anexos/niltonsantos2005.pdf>.

<http://www.netcom.es/pnavarro/Publicaciones/InternetDispoInteracVirtua.html>.

BIANCHI, Paula.No Rio, manifestantes se reúnem para limpar áreas depredadas no centro.Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/18/no-rio-manifestantes-se-reunem-para-limpar-areas-depredadas-no-centro.htm> Acessado em: 17.07.2013

COCCO, Giuseppe. Mobilização reflete nova composição técnica do trabalho imaterial das metrópoles. . Disponível: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/521331-mobilizacao-reflete-nova-composicao-tecnica-do-trabalho-imaterial-das-metropoles-entrevista-especial-com-giuseppe-cocco> Acessado em 17.07.2013

JOHNSON, Steven. Sistemas Emergentes. Madrid: Turner Publicaciones/ Fondo de Cultura Econômica, 2003. 260 pp.

# MALINI, Fábio. Pode ser, mas não é: há relação entre PT, PSDB, Anonymous e Passe Livre no Facebook? Disponível em: <http://www.labic.net/sem-categoria/poder-ser-mas-nao-e-a-relacao-entre-pt-psdb-anonymous-e-passe-livre-no-facebook/> Acessado em 26.06.2013

MARX & ENGELS. O Manifesto Comunista.<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>

NAVARRO, Pablo. Internet como dispositivo de interação virtual. 1997. Disponível em:

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Teoria Geral de Redes de Processos e Sistemas (Redes de Petri). Suplementos Anthropos, nº 22, Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1986. p. 153-166.

ROLIM, Marcos -QUANDO AS RUAS ACOLHEM OS SONHOS, 2013. Disponível em:<http://rolim.com.br/2006/index.php?option=com_content&task=view&id=889&Itemid=3>

SANTOS, Nilton Bahlis dos. A Ciência da Informação e o Paradigma Holográfico: A Utopia de Vannevar Bush. Tese de Doutoramento em Ciência da Informação - IBICT/UFRJ. Orientador: Aldo Barreto. Rio de Janeiro, 2005. 185 p. Disponível em:

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Da Ordem do Livro à Ordem da Internet. VII ENANCIB  Marília  19 à 22 de Novembro de 2006.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ Novas tecnologias: do partido centralizado às redes da sociedade civil e comunidades virtuais. Liinc em Revista, v.4, n.1, março 2008, Rio de Janeiro, p.54-62.<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/253/144>)

1. Tipicamente, um *Dispositivo de Interação Virtual* permite estabelecer relações virtuais entre agentes (...). São relações que se constituem numa espécie de “expectativa abstrata de interação”. Por exemplo, um romance que ainda não foi publicada tem uma condição interativa virtual neste sentido: a interação comunicativa que entranhará sua leitura ainda não foi levada à prática, mas já existe virtualmente no manuscrito. (NAVARRO, 1996) [↑](#footnote-ref-1)
2. O conceito de emergência tem sido levantado por cientistas que buscam entender “sistemas que usam componentes relativamente simples para construir inteligência de nível mais alto, onde agentes locais desenvolvem ações seguindo regras simples capazes de gerar estruturas surpreendentemente complexas” (JOHNSON, 2001). [↑](#footnote-ref-2)
3. “Em uma linguagem mais técnica, são sistemas adaptativos complexos que mostram comportamento emergente. Neles, os agentes que residem em uma escala começam a produzir comportamento que habitam uma escala acima deles: formigas criam colônias; cidadãos criam comunidades; um software simples de reconhecimento de padrões aprende como recomendar novos livros. O movimento de regras de nível mais baixo para a sofisticação de nível mais alto é o que chamamos de emergência” (p. 14) (JOHNSON, 2001). [↑](#footnote-ref-3)
4. A regulação se dá por processos de sincronização entre os diferentes agentes e não por intervenção do Estado e ao Neoliberalismo, de regulação pelo mercado. [↑](#footnote-ref-4)
5. O Movimento Passe Livre é um movimento social brasileiro que defende a adoção da tarifa zero para o transporte coletivo. O movimento foi fundado em uma plenária catarinense no Fórum Social Mundial em 2005, em Porto Alegre, e ganhou destaque ao participar da organização dos protestos em São Paulo em 2013 (fonte: Wikipédia). [↑](#footnote-ref-5)
6. No fim da tarde do dia 24 de junho, a Polícia Militar entrou na comunidade em busca de homens que aproveitaram uma manifestação nas proximidades para promover arrastão, roubando mercadorias de lojas e assaltando motoristas. A ação da polícia deflagrou um massacre na comunidade e foi testemunhada e relatada por moradores gerando manifestações de organizações de direitos humanos. [↑](#footnote-ref-6)
7. Deputado e pastor do Partido Socialista Cristão de São Paulo (PSC-SP) que foi eleito em março de 2013 para presidir a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. [↑](#footnote-ref-7)
8. A Rede Globo é um oligopólio de empresas familiares. Partilham entre si as concessões de TV e rádio, de norte a sul do país, por meio de suas filiais e retransmissoras. E ainda controlam simultaneamente jornais, revistas, editoras, produtoras de filmes e teatro. [↑](#footnote-ref-8)
9. Um ponto em que ao menos três caminhos deum circuito ou rede se encontram. [↑](#footnote-ref-9)
10. Pode ser acessada através do link <https://www.facebook.com/BrContraCorrupcao?directed_target_id=0> [↑](#footnote-ref-10)
11. Pode ser acessada através do link <https://www.facebook.com/FRevolucionarias?directed_target_id=0> [↑](#footnote-ref-11)
12. Esta análise foi feita em 24 de junho de 2013. [↑](#footnote-ref-12)
13. O que os “experientes” têm dificuldade em ver, porque está marginalmente nas redes é que a discussão sobre a viabilidade da ação direta hoje é diferente da discussão do início do século, quando as possibilidades de uma cultura de participação eram restringidas pela violência direta do czarismo, pela pouca informação e educação das massas que não tinham acesso à cultura, que não tínham dispositivos técnicos para administrar processos, e não tínham a possibilidade de rapidamente debater algo amplamente e tomar iniciativas diretas. [↑](#footnote-ref-13)
14. Segundo Steven Johnson, o feedback negativo é um modo de alcançar um ponto de equilíbrio. considerando as variáveis e condições externas (JOHNSON, 2001). Neste caso, expressa uma tentativa de resolver os impasses criados por vândalos e reestabelecer a ordem. [↑](#footnote-ref-14)